

**Arte Devoção:
O Fazer Artístico em busca da elevação do espírito a si mesmo**

Aline Serzedello Vilaça¹

RESUMO

Este artigo apresenta a “Arte Devoção”, uma proposta que busca viabilizar uma maneira universal de se trabalhar com arte e de se desenvolver o fazer artístico de maneira que aproxime o artista de sua essência e leve o público a buscar a dele, independente da linguagem artística que se utiliza. Usando como base o conhecimento da crítica Hegeliana à Arte Romântica, visando assim utilizar das qualidades que este filósofo observava nesta forma de arte como base para a “Arte Devoção” que só será desenvolvida plenamente se ocorrer a busca do artista pelo seu “Espírito Absoluto”, a total entrega do mesmo, e um reflexo no público que o instigue a buscar o melhor caminho para também se auto- conhecer.

Palavras- Chave: Hegel; Espírito Absoluto; Arte; Romantismo.

**Art Devotion:
The Artistic Maker in search of rise the spirit to itself**

ABSTRACT

This article presents the “Art Devotion” make a proposal that seeks a universal way of working with art and to develop the arts in ways that make the artist brings to their essence and bring the public to seek it, regardless of artistic language that is used. On the basis of knowledge of the Hegelian critique of Romantic art, so to use the qualities that this philosopher noted this form of art as a basis for “Art Devotion” which will be fully developed if the artist’s search for his “Absolute Spirit”, the total delivery of the same, and a reflection on the public encouraged to seek the best way to also self-aware.

Keywords: Hegel; Absolute Spirit; Art; Romanticism.

1 Graduada em Dança pela Universidade Federal de Viçosa; Interprete-pesquisadora do Programada Interdisciplinar de Cultura Popular Gengibre.

Ser **Poeta** é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos e esplendor
E não saber sequer que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!
Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim...
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma e sangue e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda a gente!
(ESPANCA, 1996)

Se substituirmos a palavra “poeta” por **artista**, teremos uma visão desesperada e apaixonada do que é ser artista proposta pela poetisa portuguesa ultra-romântica Florbela Espanca, que não teve grande prestígio em vida, mas que acreditou em sua arte para fugir da verdade dolorida de sua alma. Florbela mostra em seus versos a necessidade de expressão e quanto é aliviador poder ter um meio de colocar aquele vulcão de sentimentos para fora; podemos deduzir que para ela ser artista é estar numa posição acima, é ser livre sem realmente poder, é ousar como mendigo que acha que é rei, é poder não apenas sonhar, mas alcançar o infinito. Em outro poema Florbela afirma que ao criar pode expor “tudo o que sinto, sem poder dizer” (ESPANCA, 1996), e é isso que todos os métodos artísticos deveriam fazer.

Antes de ser visto como meio de expressão, e antes de chegar ao massificado produto que na atualidade a indústria cultural impõe à população, a arte teve outras conotações e o fazer artístico foi analisado por grandes filósofos, que apresentaremos a seguir, antes de cumprir nosso objetivo que é analisar a possibilidade do fazer artístico segundo a filosofia estética romântica de Hegel e refletir a viabilidade e as mudanças para o artista e para a obra de arte ao seguir as teorias Hegelianas.

Assim, voltando milênios no tempo, em Atenas, por volta de 387 a.C., o filósofo Platão, como bom racionalista², via na criação artística sensível um meio alienador. Criticava-a por crer que esta

² Racionalista, filósofo que compartilha dos ideais da corrente filosófica de conhecimento chamada Racionalismo, que fundamentalmente acredita que o caminho seguro para se chegar a verdade é por



Figura 1. Florbela Espanca

distanciava as pessoas da realidade, tinha a arte como corruptora da personalidade humana. Desta feita, o artista era um corrupto, a obra uma imitação pobre da natureza, e a arte responsável por esconder a verdade dos homens. (MARÍAS, 2004)

Importante enfatizar que a princípio, segundo sua origem em latim e interpretação grega – *ars* – arte remetia a um ofício, uma habilidade; significava “todo conjunto de regras capazes de dirigir uma atividade humana qualquer”, e este era o contexto de Platão, talvez diante da definição do fazer artístico da época e sabendo que se trata de um racionalista, podemos entender (não necessariamente aceitar) esse conceito negativo que Platão tecia sobre a arte. (TABOSA, 2006)

Um pouco mais tarde, o macedônio empírico³, Aristóteles, discípulo de Platão, concebe na Grécia uma visão menos agressiva da arte: atividade prática e mimética, ou seja, cópia daquilo que já existe. A arte seria uma imitação direta da idéia, do inteligível imanente no sensível. O artista é um ser sensível capaz de sensibilizar racionalmente uma idéia e a obra é uma cópia que reúne elementos do mundo sensível e do mundo das idéias. Com uma análise bem mais positiva da arte – se comparada com a feita por seu mestre Platão – Aristóteles, mesmo explicitando o seu caráter sensível e abstrato ao falar do processo de imitação da natureza que a arte apresenta (*mímese*), acaba deixando o “fazer artístico” prático, mais racional por sua imitação do que sensível por sua representação da aura do artista e forma de expressão do mesmo. (MARÍAS, 2004)

Tendo em vista que Aristóteles e Platão são representantes de correntes filosóficas opostas, mesmo dentro deste impasse ambos tentaram sistematizar conceitos concretos e fechados para compreender o fazer artístico, o artista e a arte. Isso porque viam os efeitos futuros do fazer artístico. Platão temia que a arte pudesse desequilibrar a confortável hierarquia opressora da *Polis*. Já Aristóteles colocou a arte como necessidade, tanto quanto as ciências, porém não com o caráter funcional que as ciências apresentam.

Esses são dois filósofos de pensamentos opostos que influenciaram e influenciam até o hoje a conceituação de muitos dos assuntos discutidos e pesquisados pelo homem. Em se tratando de filosofia da arte não foi/é diferente, mesmo não sendo o assunto mais discutido por Aristóteles e Platão. A maneira como eles pensaram e escreveram é de grande relevância, pois dentro do fazer artístico podemos identificar a *mímese* discutida por Aristóteles e a influência corruptora que Platão salientava (corrupção não só negativa; pense a corrupção da arte como toda e qualquer influencia que ela tem sobre o indivíduo).

Milênios depois de Platão e Aristóteles, em 1770, na Alemanha mais precisamente Stuttgart, nasceu Georg Wilhelm Friedch Hegel, futuro fenomenologista do espírito, que estudou teologia e filosofia em Tübingen. E será o filósofo base das reflexões deste artigo. (MARÍAS, 2004)

Entre 1820 e 1829, nos cursos de estética que ministrava em Berlim, Hegel sistematizou suas idéias sobre o fazer artístico, discutiu as formas de arte (simbólica, clássica e romântica), a importância da arte para o Espírito Absoluto, a importância deste para a arte e até pré-anunciou um *fim da arte*. (HEGEL, 1996)

meio do uso da razão. Ex: Platão, Descartes.

3 Empírico, filósofo que compartilha dos ideais da corrente filosófica chamada Empirismo, que essencialmente acredita que o caminho mais seguro para se adquirir o conhecimento seguro e verdadeiro é através da experiência sensível.

Hegel acreditava que a razão é histórica. Assim, concordava com empíricos como Aristóteles ao explicitar a necessidade do homem valorizar a experimentação sensível de suas vivências cotidianas particulares e históricas enquanto ser humano; concordava com racionalistas como Platão, pois valorizava o uso da razão, salientava a importância da inteligência racional para auxiliar no processo de auto-conhecimento; e discordava de Kant. Dizia que Kant não compreendera que a razão é sujeito e objeto, que “a razão é criadora da realidade, que o real é a obra histórica da razão”. (CHAUÍ, 2000)

Neste movimento de concordar e discordar, Hegel criticava Kant, Descartes, Spinoza, Hume pesadamente, pois via que tudo que tinha sido produzido em filosofia antes dele carregava uma intemporalidade equivocada, ou seja, os pensamentos anteriores queriam encontrar um modo de provar que a verdade permanecesse absoluta, eterna e de modo que não pudesse mudar com o tempo. No entanto Hegel acreditava que pela razão ser histórica e pela realidade ser obra da razão, a razão, e por sua vez a verdade, e a realidade que são frutos dela, não sofrem com o tempo (sofrer, no sentido de participante passivo), e sim participa dessa mudança (participante ativo).

Hegel está dizendo que a mudança, a transformação da razão e de seus conteúdos é obra racional da própria razão. A razão não é uma vítima do tempo, que lhe roubaria a verdade, a universalidade, a necessidade. A razão não está no tempo, ela é o tempo. Ela dá sentido ao tempo. (CHAUÍ, 2000)

E esse caráter histórico da razão e do conhecimento fez Hegel, ao estudar a arte, analisar o porquê histórico das características presentes nas diferentes formas de arte (simbólica, clássica e romântica) e observar que o espírito enquanto ponto determinante e fundamental para o fazer artístico é temporal. A espiritualidade, que dá verdade e beleza a obra, é mutável e parte constituinte da subjetividade do homem. Sendo “o único ponto fixo a que a filosofia pode se ater, é a própria história”, pois o espírito absoluto amadurece a medida que a história leva ao auto-conhecimento, e a descoberta desta consciência em si.

A temporalidade dá a diferença nas diferentes formas artísticas (escolas, estilos, movimentos artísticos), que como todo conceito criado pelo homem é resultado da análise, da união e/ou exclusão de tudo que já fora produzido e estudado por gerações anteriores, fazendo com que a obra de arte permita que o espírito esteja mais nítido ou não segundo a forma artística que representa. (GAARDER, 1995)

Mas, o que é esse espírito tão falado por Hegel?

Hegel consolida suas reflexões diante da maior necessidade do ser humano, que segundo ele é ter noção de que somos seres formados pelo espírito subjetivo, pelo espírito objetivo e espírito absoluto. Estes três momentos compõem a circularidade dialética: Subjetivo, Objetivo e Absoluto, ou seja, Idéia, Natureza e Espírito, respectivamente, formando um ciclo onde o mesmo ponto de partida é o de chegada, feito a vida. O homem teria que passar por esse ciclo do “ser-em-si”, para o “fora-de-si”, chegando ao “retorno-de-si”. E partindo para um recomeço, pois esse processo de amadurecimento seria constante, segundo Hegel. A seguir algumas definições para deixar um pouco mais claro o que seria a circularidade

dialética para podermos relacioná-la com a arte nas páginas subsequentes. (CHAUÍ, 2000)

Espírito Subjetivo

A razão subjetiva é o conjunto das leis do pensamento, procedimento do raciocínio, formas e estruturas para pensar as idéias. No plano individual. O espírito subjetivo, portanto, é alma, consciência, é

[...] um sujeito que se conhece a si mesmo, que é si mesmo, que tem interioridade e intimidade. Este espírito subjetivo pode-se considerar tanto quanto está unido a um corpo numa unidade vital, enquanto alma [...] como se conhece, através da consciência. (MARÍAS, 2004)

O espírito subjetivo é o momento primeiro do alcance do espírito absoluto, é o momento de “ser em si”, em que o Espírito é ele próprio, idêntico a si mesmo. (HEGEL, 1999)

Espírito Objetivo

A razão objetiva dá o encadeamento e as relações das próprias coisas, a ordem, a realidade objetiva e racional. Isso ocorre a nível social, dentro das relações sociais. Pensando nisso, o espírito objetivo é o segundo momento para um futuro alcance do espírito absoluto, é momento em que o espírito se reflete naquilo que ele mesmo cria, é a sua negação é o “ser do outro”. (HEGEL, 1999)

A dificuldade está em entender a contradição de se falar de um espírito sem sujeito. Pois em nível social esta objetividade tira o caráter individual que é próprio do espírito. Mas o que temos que levar em consideração não é a contradição existente em falar de espírito sem sujeito. Temos que nos ater ao fato de que o que dará verdade e beleza ao fazer artístico é a presença do espírito absoluto. E o Espírito Absoluto é a união da individualidade do espírito subjetivo com a interação social do espírito objetivo.

E podemos ainda lembrar que se o amadurecimento do espírito absoluto acontece no decorrer do curso da história, e a história nada mais é do que vivências das inter-relações humanas, podemos concluir que o espírito objetivo se faz importante diante do Espírito Absoluto, quando se declara a importância do relacionamento entre os homens para o crescimento do espírito Absoluto em sua completude.

Espírito absoluto

É a síntese do espírito subjetivo e do espírito objetivo. O Espírito Absoluto atingiu a forma mais elevada de autoconhecimento. É o “retorno-a-si”. É a síntese da Idéia (ser-em-si) e da Natureza, sua negação (fora-de-si). Sendo assim a superação destes dois momentos históricos e dialéticos que o homem passa a todo instante de tese, antítese e síntese. É o espírito infinito, enquanto nega o espírito subjetivo que é finito.

O espírito absoluto é o espírito enquanto universal e não enquanto particular e finito.

Determina-se como o que recebe a verdade de uma verdade universal. [...] é totalidade da verdade suprema. [...] opõe-se a si mesmo. (HEGEL, 1999)

Diante do conceito de espírito Absoluto podemos perceber esta busca pela essência, pela instância mais profunda e significativa de nosso ser, por meio dessas três etapas, nos leva a concordar que o alcance do espírito absoluto só tem a acrescentar em nossas vidas. Mas como chegar a algo que ultrapassa o subjetivo, que está no plano espiritual, em meio a tantas turbulências que nos rodeiam, em meio à falta de tempo, de silêncio, de compromisso com nós mesmos?

O fazer Artístico

Talvez a resposta para a pergunta acima seja: ARTE!

Para tentarmos responder, ou pelo menos chegar o mais próximo de uma possibilidade para se alcançar o Espírito Absoluto, vamos ver o que Hegel pontuou sobre Arte. Hegel afirma que “o início da arte foi caracterizado pela tendência da imaginação para se separar da natureza a fim de se orientar para a espiritualidade.” (HEGEL, 1996)

Para ele a Arte é uma maneira do homem expressar seus sentimentos, habitados no mundo sensível, e do espírito absoluto manifestar e exteriorizar as profundezas da alma deste homem. Podendo assim, além de exteriorizar e expressar, contribuir para o “retorno-de-si”. Mas sem, contudo, conseguir chegar à universalidade do espírito, pois “... a função da arte consiste em tornar a idéia acessível à nossa contemplação, mediante uma forma sensível e não na forma do pensamento e da espiritualidade pura em geral...”, ou seja, a arte facilita um processo longo e árduo de autoconhecimento, porém não é espiritual, pois o que é próprio do espírito é aquilo que sabemos existir mas não vemos. (HEGEL, 1996)

Desta forma, não podemos confundir emoções e sentimentos com elementos próprios do espírito, pois os sentimentos e as emoções estão no plano sensível, acessíveis empiricamente. Já o que é do espírito, apenas teremos a noção de que sabemos que existe, mas certamente nunca o experienciaremos de modo tão próximo quanto aquilo que é do mundo sensível.

O que dá o caráter de belo a uma obra de arte é justamente essa misteriosa presença do espírito. E o mais curioso é que universalmente o homem sente esse algo a mais que desconhece, mas não sabe dizer o que é. O artista precisa ter passado pelo processo de autoconhecimento, de “ser-em-si”, de “fora-de-si”, para ao “retornar-em-si”, poder colocar o reflexo de seu espírito absoluto na obra, para poder colocar esse “algo a mais” e permitir que o observador vivencie uma experiência estética e espiritual. Ou seja, sinta ao fruir a obra algo que o tire da simples contemplação, perceba o que o espírito absoluto do artista precisava gritar, mesmo porque “o autor da obra de arte procura exprimir a consciência que de si possui”, tal como Florbela Espanca que sempre coloca muito de si em suas “Quadras”⁴. (HEGEL, 1996)

Se o artista atingir esse objetivo, irá estimular o observador a alcançar a consciência de si, proporcionará ao público a possibilidade de começar o processo individual e primeiro de “Idéia”, passando

4 “Quadras” referência a uma série de poemas de Florbela Espanca chamados “As Quadras Dele” escritos entre 1915 e 1917.

por “Natureza”, até alcançar o “Espírito”. Isso provavelmente ocorrerá com todos os observadores que se permitirem influenciar (como criticou Platão) pelas emoções e espiritualidades propostas pela obra, talvez tocados de maneiras diferentes, mas certamente terão o seu mundo sensível estimulado, e este, segundo Hegel, seria o caráter universal e individual da arte, que toca a todos, mas de maneiras diferentes, singulares.

Diz-se que uma boa obra de arte deve ser universalmente significativa e, apesar disso, bastante única, porquanto parece ser a oportunidade para tantas diferentes e individuais apropriações dela quantos são os indivíduos existentes. Resumindo, ainda que ela não se dirija a nós na linguagem da generalização, apesar disso o que ela significa parece ser universalmente verdadeiro. (ALDRICH, 1976)

Por tanto, a arte é uma grande aliada do Espírito Absoluto. Mas não é a solução para o encontro do homem consigo e contato verdadeiro com o Absoluto, pois o Espírito Absoluto “em virtude de seu caráter puramente ideal, escapa à expressão artística” (observe que alcançar o espírito absoluto é algo IDEAL, utópico, segundo seu caráter quase inalcançável, mas a tentativa, a busca, é extremamente necessária). Porém, se a arte ainda assim quiser cumprir seu papel que “exprime a interioridade do espírito, os movimentos da alma, a vida do sentimento” ela pode e deve se utilizar de uma forma que a possibilita transparecer uma “interioridade única que corresponde ao conceito do espírito livre e que basta a si mesmo”. Essa interioridade ocorre por meio do mais nobre dos sentimentos: o amor. (HEGEL, 1996)

Contribuição do Amor para o Fazer Artístico segundo Hegel

Está a olhar à sua volta e acima de tudo não o deve fazer agora. Ninguém pode aconselhá-lo ou ajudá-lo, ninguém. Existe apenas um caminho. Olhe para dentro de si. Procure a razão que o impele a escrever; descubra se essas raízes estão profundamente implantadas no mais recôndito do seu coração, pergunte-se a si próprio se morreria caso fosse impedido de escrever [...] Procure a resposta no mais profundo de seu ser [...] se responder a esta simples pergunta com um forte e decidido – Sim, então construa sua vida de acordo com essa necessidade. (RILKE, 2004)

Ah, o Amor! Uma necessidade tanto quanto a de se expressar através da arte. Mas aqui explicitaremos principalmente o seu papel fundamental para a interioridade e liberdade do espírito para se manifestar na obra. Na citação acima parece que Rilke leu Hegel para formular suas crenças sobre o que é necessário para ser poeta, e parece que Florbela comunga da mesma opinião de Rilke, pois só sobreviveu enquanto podia escrever. Rilke ainda completa dizendo ao futuro poeta que lhe escreve pedindo conselhos. Assim, ele sugere que o mesmo

[...] mergulhe em si próprio e teste as profundezas onde a sua vida encontra as suas raízes; e na sua fonte encontrará a resposta à pergunta se tem de criar. Aceita-a tal como é, sem se questionar. Talvez sinta o chamamento do artista. Então, aceite o destino que lhe está reservado e carregue-o, no seu fardo e na sua grandeza, sem nunca perguntar que

recompensas poderão vir do exterior. Para o criador tem de existir um mundo próprio e descobrir tudo em si próprio e na Natureza à qual se ligou. (RILKE, 2004)

Percebemos enfim, que várias idéias do pensamento Hegeliano estão presentes nos conselhos que Rilke dá ao jovem poeta que lhe pede conselhos no livro “Cartas a um jovem poeta”. Identificamos características como: a necessidade do autoconhecimento, o quanto é árduo e profundo tentar fazê-lo, a presença do segundo passo após a procura da “consciência de si”, olhar a sua volta, olhar a “Natureza” a que pertence. E assim, como Florbela, Rilke salienta o **exagero**, o desespero, a possível morte se caso não pudesse usar e ser agraciado pela arte, que o chama a ser artista, que o revela, que é pesada feito um fardo, e libertadora como asas.

Exagero este encontrado não só na entrega de sua alma (enquanto artista) em seus versos, ou no lirismo das palavras, mas também presente em todo aquele que ama, e em todo o movimento romântico que não só defendia e vivia o amor e seu sofrimento amoroso como o jovem Werther, personagem do escritor alemão ultra-romântico Goethe, mas que carregava características como sentimentalismo, egocentrismo, subjetividade, liberdade de criação e de moldes para criar, apelo religioso, folclórico, nacionalista, escapismo da realidade.

Além dessas características no romantismo “o indivíduo passa a ser o centro das atenções...”, passa a ser o

[...] sujeito individual, real, animado de vida interior, que adquire um valor infinito, como único centro onde se elaboram e donde irradiam os eternos momentos daquela absoluta verdade que só se realiza como espírito. (HEGEL, 1996)

Este indivíduo “[...] voltando-se para a imaginação e para os sentimentos, o que resulta uma interpretação subjetiva da realidade”, e esta interpretação repleta de subjetividade irá contribuir para que a arte possa estar a serviço do espírito absoluto. (NICOLA, 2003)

Hegel afirma que “... o romantismo consiste num esforço da arte para se ultrapassar a si própria sem, todavia, transportar os limites próprios da arte.” (HEGEL, 1996).

Importante observarmos que as particularidades da arte romântica são consequências da existência do **amor**, pois não se é nacionalista sem amar seu país, monoteísta, sem amar a um Deus, não se valoriza o homem sem amá-lo, não se valoriza a subjetividade sem amar o que é abstrato, o que é interior, não se acredita no espiritual sem amar o que se sente sem nunca poder ver. O amor é o ideal da arte romântica, é o que dá a beleza espiritual à obra.

Portanto, há a valorização deste sentimento, pois se acredita que “em vez de explicitar toda a



Figura 2. Retrato de Georg Wilhelm Friedrich Hegel por Jakob Schlesinger

riqueza” de seu existir, o amor se “reflete sobre si mesmo nas profundidades da alma e se manifesta como expressão condensada de tais profundezas”, ou seja, o amor tem a função e capacidade de condensar a parte do espírito que pode ser manifestada através da arte, do que pode ser acessível ao próprio homem de seu ser. E só é acessível, pois a subjetividade absoluta escapa aos domínios da arte, até mesmo da romântica. O caráter absoluto só ocorre no que é próprio do espírito absoluto. Assim essa subjetividade, por mais interior que seja, ainda possui uma passagem através da realidade, e esse contato íntimo e direto com o real exterior garante a acessibilidade do homem. (HEGEL, 1996).

[...] a arte adquire o direito de utilizar a forma humana exterior para exprimir o Absoluto, embora a nova tarefa que passa agora a incumbir à arte consista não em fazer transitar toda a interioridade para a exterioridade corpórea, em observar nesta aquela, mas, pelo contrário, em salvaguardar a independência da interioridade, em tornar perceptível no sujeito a consciência espiritual... (HEGEL, 1996)

Pensando assim, a arte romântica mostra ao observador parte do espírito e a alma dele e do artista. Cabe ao observador permitir que a obra o leve a essa descoberta de suas próprias profundezas e as do artista autor. Mas o espírito não tem o verdadeiro conteúdo para fornecer a arte, a arte reveste o que é natural de significados exteriores ou interiores de abstrações. Mostra-se assim, a relação de interdependência da arte com o espírito absoluto e do homem para com a arte, para chegar o mais próximo que lhe é permitido do espírito absoluto.

Mas, qual será o conteúdo da arte romântica, já que é tão subjetiva?

O verdadeiro conteúdo da arte romântica é constituído pela intrinsecidade absoluta, e a forma correspondente pela subjetividade espiritual consciente da sua autonomia e da sua liberdade. Tal infinito e tal universidade em si e para si implicam uma atitude absolutamente negativa perante toda a particularidade, um simples acordo consigo mesmo que ignora toda a separação e todos os processos da natureza, [...] toda a limitação da vida espiritual, e desta atitude resulta reconduzir [...] a uma pura e simples identidade com a subjetividade espiritual. (HEGEL, 1996)

Essa intrinsecidade permite a arte romântica representar na medida certa o contexto em que o homem está inserido e o espírito que ele carrega consigo. A conciliação destes dois mundos, garantidas pelo amor, é inerente a arte romântica. Assim, essa manifestação artística não deixa de usar coisas externas, mas deixa claro que são apenas objetos puramente exteriores indiferentes e vulgares, que só adquirem certa importância quando realmente participam do processo de circularidade dialética.

A arte romântica já não aspira a reproduzir a vida no seu estado de serenidade infinita (como a arte clássica), a reproduzir a alma encarnando-a num corpo, o seu fim já não é a vida como tal, plenamente adequada ao seu conceito; pelo contrário, volta as costas ao cume da beleza, faz com que a arte participe de todo o acidental das formas exteriores e atribui um lugar ilimitado ao que é mais acentuado na antítese do belo. (HEGEL, 1996)

Talvez o que mais se aproxima ao que é próprio da arte romântica, o que é seu conteúdo, extrapola suas características básicas, enquanto movimento artístico. Seu conteúdo é seu próprio saber de si,

entregue ao desejo do espírito, às necessidades da alma, aos sentimentos do corpo e à misteriosa forma com que o amor faz com que tudo isso se mostre como um só.

Sendo assim...

“I offer you, body and soul”⁵

Realmente lhe ofereço corpo e alma: o verso acima é uma adaptação de parte do refrão da música *“Body and Soul”*, do cd homônimo da já falecida cantora norte-americana de *“Soul music”, Blues e Jazz*, Billie Holiday, que acredito resumir o fazer artístico coerente em qualquer movimento artístico. Resume o fazer artístico segundo os pensamentos Hegelianos. Resume o amor-entrega que é necessário possuir e permitir exteriorizar para dar aura a uma obra. Eu lhe ofereço corpo e alma, resume o exagero e devoção de Florbela Espanca em seus belos versos. O verso resume os conselhos que Rilke tecia ao jovem poeta com o qual se correspondia.

Oferecer corpo e alma é exatamente o que o amor permite ao artista que passou pelo árduo e gratificante processo de autoconhecimento. E é o que o público que se dispõe a ser iluminado pela luz da *Arte Devoção* sentirá ao estar diante da obra deste artista. O público presenciará corpo e alma do artista, ao dialogarem com seu corpo e sua alma. Ambos vivenciarão a tentativa de alcançar o espírito absoluto.

Ao utilizar o termo *Arte Devoção*, o leitor poderia estar concluindo que terminarei o artigo defendendo a volta da arte romântica como padrão estético, teórico e solução para a beleza plástica do mundo, para o reencontro e reequilíbrio dos indivíduos perdidos emocionalmente e, assim, por fim ao caos contemporâneo.

Pelo contrário, não é essa a perspectiva. Exatamente por estarmos inseridos nesse caos, que sabemos que não é viável um retorno ao passado. Além disso, temos de evoluir e criar coisas novas. Esse saudosismo seria prejudicial, pois, mesmo usando a arte romântica e o amor como base para os questionamentos e para essa nova proposta de arte, fica bem claro que o contexto exterior (o ambiente) do observador e do artista tem que ser levado em consideração. Seria descabido e totalmente ausente da realidade, sugerir o retorno

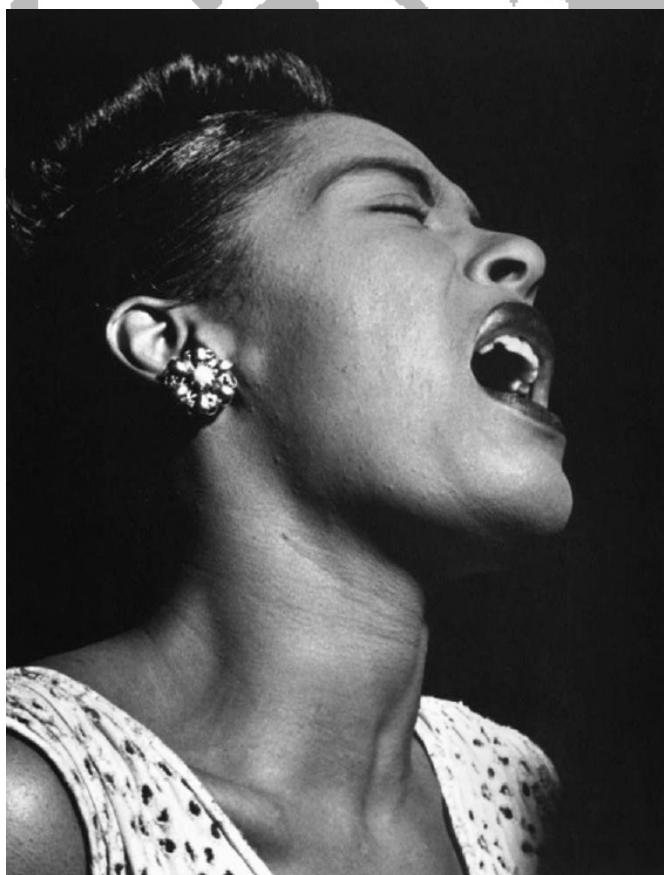


Figura 3. Billie Holiday

5 *“I offer you, body and soul”* _ Eu ofereço a você, corpo e alma. No original *“I’m all for you body and soul”* – Estou toda para você de corpo e alma. (HOLIDAY, 2004)

a arte romântica, e limitar o fazer artístico nessa atualidade multicolorida a uma única cor.

O artista, conforme acreditamos, deve ter liberdade total de criação, conteúdos, temas, formas, materiais, pois a realidade agora é muito ampla, as interpretações são diferentes, a forma de assimilar muda de pessoa à pessoa, e o processo de circularidade dialética será distinto para cada observador e para cada artista.

Como bem disse Rilke, permita-se ouvir o “chamamento do artista”. Que “morda como quem beija” e tenha “sede de Infinito” como suplicou Florbela. Para poder se entregar ao infinito espírito absoluto, depois de passar lentamente, com fé e coragem pelo entendimento das sensações e emoções do espírito subjetivo, da praticidade e racionalidade do espírito objetivo. Com plena consciência de que o amor ao seu fazer e a si mesmo o farão alcançar o espírito e a alma do outro. Para que não seja uma simples e vulgar obra bela, para que seja a manifestação do espírito, para que seja corpo e alma. Para que mostre a verdade universal que o homem tão inutilmente busca fora dele.

[...] uma boa obra de arte deve ser universalmente significativa e, apesar disso, bastante única, porquanto parece ser a oportunidade para tantas diferentes e individuais apropriações dela quantos são os indivíduos existentes... (ALDRICH, 1976)

Gostaríamos que o artista voltasse a sentir o “sabor de fazer”, que se entregue a si, ao outro e à obra, independente de sua técnica, sua arte, seu método, seu estilo. Principalmente que o artista, antes de corromper o público, como diria Platão, se conheça, para depois conhecer o que o outro tem carência, pois só ele, enquanto artista, munido de amor poderá suprir. Que não faça a vulgar cópia do que está no alcance de seus olhos, que mesmo de uma forma mimética, como diria Aristóteles, faça a *mimese* de suas profundezas no equilíbrio com o que não está interno. (LEÃO, 1983)

Assim, se aplicarmos as qualidades da arte romântica ressaltadas por Hegel ao estilo artístico que mais nos apaixona, é possível que sejamos capazes de *elevarmos o espírito a si mesmo* e fazer a diferença nesse mundo em que não se enxerga nem o visível aos olhos, quanto mais o que só é visível ao espírito.

Sugerimos, por assim dizer, uma Arte Devoção, que mostre claramente a paixão do artista por ela, seu domínio da técnica, e realmente seja capaz de elevar o homem o mais próximo possível do espírito absoluto, de si mesmo, do outro e o amor que os nutre pela arte.

Referências Bibliográficas

ALDRICH, V. C. **Filosofia da Arte**. Curso Moderno de Filosofia. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1976.

BRAS, Gerard. A estética em questão. In: **Hegel e a Arte**: Uma apresentação da Estética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CHAUÍ, Marilena. Universo das artes. In: **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**: romance da história da Filosofia. São Paulo: Companhia das

Letras, 1995..

HEGEL, G. W. **A fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HEGEL, G. W. **Curso de Estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HOLIDAY, Billie. **Body and Soul**. Rio de Janeiro: Sony/BMG, 2004. 1 CD, digital remasterizado, estéreo. Acompanha livreto.

LEÃO, Emmanuel Carneiro *et al.* O papel da obra na criação Artística. In: **Arte e Filosofia**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1983.

MARÍAS, Julián. **História da Filosofia**. 4 ed. Porto: Sousa & Almeida. 2004.

NICOLA, José de. **Literatura brasileira: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Scipione, 2003.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Lisboa: Coisas de Ler, 2004.

TABOSA, Adriana. A perda do conceito original de arte. **O olho da história**, Campinas, v. 8, 2006.

Fonte das Figuras

1. http://www.marcosassumpcao.com.br/fotos/florbela_spanca.jpg
2. SCHLESINGER, Jakob (1792-1855). **Bildnis des Philosophen Georg Wilhelm Friedrich Hegel**. Berlin: Alte Nationalgalerie Berlin, 1831.
3. <http://www.msa.md.gov/msa/speccol/sc3500/sc3520/014900/014917/images/holiday.jpg>